

Boarding home: literatura, revolução e exílio

Isabel Ibarra Cabrera

Rickley L. Marques

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as relações entre história e literatura na obra *Boarding home* de Guillermo Rosales. Na análise da obra, a figura do escritor sobressai por narrar suas experiências de vida e expor suas principais idéias num momento de ruptura. No seu romance, Guillermo Rosales revela seu inconformismo com a deshumanização e toma partido pelos marginalizados mostrando a desilusão com o passado (revolução cubana) e a descrença com o futuro (Miami).

Palavras-chave: Literatura, Revolução cubana, Exílio.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo general analizar las relaciones entre historia y literatura en la obra *Boarding home* de Guillermo Rosales. En el análisis de la obra la figura del escritor se sobresaie por narrar sus experiencias de vida y exponer sus principales ideas en una época de rupturas. En su novela Guillermo Rosales revela su inconformismo con la deshumanización y toma partido por los marginalizados mostrando su desilusión con el pasado (revolución cubana) y la descreencia con el futuro.

Palabras claves: Literatura, Revolución cubana, Exilio.

* Artigo recebido em março de 2009 e aprovado para publicação em maio de 2009.

Abstract

This article has like the general objective analyze the relation between history and literature in work *Boarding home* by Guillermo Rosales. In this analyze the figure of writer surpass for narrate yours experiences of life and expose yours mains ideas in a moment of rupture. In the romance Guillermo Rosales reveal your inconformism like the dehumanization e get party by marginalizad showing the disillusion with the past (Cuban revolution) and the disbelief with the future (Miami).

Key words: Literature, Cuban revolution, Exile

O romance *Boarding home*, de Guillermo Rosales, é considerado uma das principais obras escritas sobre o exílio cubano em Miami (Rosales, 1987)¹. No entanto, consideramos que esta obra é mais do que isso. Poucas obras têm tratado as tensões sociais, os conflitos de formação e o desajuste de milhares de cubanos que chegaram aos Estados Unidos após o triunfo da revolução. Desajuste, em parte, explicado pelas novas condições históricas a que estes indivíduos submeteram-se. Se por um lado, os sujeitos revelam as contradições e a desilusão com o processo revolucionário que os levou ao exílio, por outro lado, esses homens não conseguem ajustar-se ao estilo americano de vida, *American way of life*. Nesse sentido, a obra trata ao longo do texto das próprias idéias e experiências do autor, levando a muitos críticos a afirmar que *Boarding Home* é uma obra autobiográfica².

Em Cuba, um fragmento do romance de Guillermo Rosales foi publicado no ano de 2000. Ambrosio Fornet fez uma introdução onde levanta algumas questões sobre a literatura da diáspora. Nesse sentido, Fornet (2000:113) aponta que “algumas de esas novelas no están exentas de amargura: en ellas se percibe por momentos el deseo de um ajuste de cuentas simbólico con la realidad política de la Isla”. Ainda que a trama de *Boarding home*

não aconteça na Ilha, o seu protagonista, narra seus contínuos insucessos, dor e desilusão com relação ao passado e descrença com relação ao futuro. Assim, Rosales na única entrevista oferecida em vida manifestou:

Creo que la experiencia de quien vivió en el comunismo y el capitalismo y no encontró valores sustanciales en ninguna de ambas sociedades merece ser expuesta. Mi mensaje ha de ser pesimista, porque lo que veo y vi siempre a mi alrededor no da para más. No creo en Dios, no creo en el Hombre. No creo en ideologías (ROSALES Apud, Leyva Martínez, 2002-2003).

Segundo Leyva-Martínez (2002/2003:103) *Boarding home* refere-se a um dos asilos em que morou o autor chamado *Happy home*. Guillermo Rosales viveu por anos, efetivamente, nesses estabelecimentos³, o que sem dúvida comprova a forte carga autobiográfica no romance. O protagonista William alter-ego do autor, chega a Miami pelo aeroporto internacional e é recepcionado por familiares que não o aceitam. William pretendia ser escritor, assim como Rosales⁴. William ouve vozes, vive num boarding homes e sonha com sair dali. Guillermo Rosales foi considerado esquizofrênico porque ouvia vozes, viveu em vários *home* e narrou com detalhes a vida e os sonhos dele e de outros que viviam e queriam fugir desses lugares⁵. Enfim, ambos se confundem e é difícil estabelecer o que é ficção e o que são as efetivas experiências vividas pelo autor⁶. Nesse sentido, a crítica literária porto-riquenha Ileana Piñeda Pérez, afirma que os autores caribenhos desterrados buscam a sua pátria a partir de si mesmos (Pérez, 2000). Assim acreditamos que Guillermo Rosales fez da literatura “instrumento e fim da sua ação”⁷, especificamente no seu romance *Boarding home*, que para alguns é visto como o testamento do autor⁸, registrou a sua missão: mostrar as elites de Cuba e de Miami, o discernimento de um desajustado.

Ainda que em vida Rosales não chegara a alcançar o

êxito de sua obra, *Boarding home* apresenta-se num estilo que faz pensar na dor da criação artística e na crença do autor na literatura que, como diria Sevcenko (1999:233), “cria estados de espírito, desperta ou enseja desígnios éticos”. Nesse sentido, a obra *Boarding home* perturba e interroga sobre o sentido da vida e os limites da razão.

Assim, o romance é o relato de um personagem chamado William Figueras, um cubano recém-chegado a Miami. William é recebido como um herói pelos seus familiares que, embora não o conheçam, tinham grandes expectativas em relação a ele. Mas, quando percebem que William não era exatamente o que esperavam, estes mesmos parentes se afastam e não mais o procuram. O protagonista do romance narra a decepção que causou em sua família, como pode ser visto abaixo:

Aqui me esperavam uns parentes que nada sabiam de minha vida, e que depois de vinte anos de separação já nem me conheciam. Acreditaram que chegaria um futuro triunfador, um futuro comerciante, um futuro playboy; um futuro pai de família que teria uma futura casa cheia de filhos, e que iria os fins de semana à praia e correria bons carros e vestiria roupas de marca Jean Marc e Pierre Cardin; e o que apareceu no Aeroporto o dia de minha chegada foi um cara enlouquecido, quase sem dentes, magro e assustado, ao que tiveram que ingressar nesse mesmo dia numa sala psiquiátrica porque olhava com desconfiança a toda a família e, em lugar de abraçá-los e beijá-los, os insultava (Rosales, 1987:10)⁹.

Rosales mostra o desencontro entre o protagonista e sua família cubana-americana e as expectativas desta última com relação a um novo membro que se adaptaria com facilidade ao *American way of life*. A frustração é tão grande que somente uma tia chamada Clotilde continua a se sentir responsável por William. Contudo, a dificuldade de adaptação do parente, aliada a uma incipiente loucura manifestada pela capacidade de ouvir vozes e ver coisas que ninguém mais podia ouvir ou ver, mina a resistência de Clotilde.

Após levar o sobrinho a vários psiquiatras, ela decide interná-lo num abrigo sustentado pelo Estado norte-americano. Estes abrigos são, no romance, uma espécie de pequenos manicômios, onde se depositam os que não têm para onde ir e os destituídos da capacidade de adaptação à sociedade e. Embora não fossem oficialmente considerados doentes mentais, nem os seus hóspedes estivessem lá obrigados juridicamente, os abrigos, ou *Boarding homes*, são relatados como uma espécie de limiar da cidadania, cujos hóspedes dificilmente se recuperavam. Abaixo podemos ver como William descreve seu primeiro dia nesse lugar:

A casa dizia por fora “Boarding home”, mas eu sabia que seria meu tumulto. Era um desses refúgios marginais onde somente vai gente desajustada pela vida. Loucos em sua maioria. Ainda que, às vezes, há também velhos deixados por suas famílias para que morram em solidão e não acabem com a vida dos vencedores (Rosales, 1987:7).

Rosales, como podemos notar, imprime suas idéias em todo o romance. Nessa nova sociedade com esse novo estilo de vida existem lugares para “a gente desajustada pela vida”. O autor faz referência ao contraste entre o mundo dos desajustados e o dos triunfantes, separados por uma espécie de muro intransponível. Esta idéia é recorrente em todo o romance. Nesse sentido, Reis (2003:82-83) afirma que a obra literária, embora “privilegie modos de representação sinuosos”, não perde sua ligação com a sociedade e com a história. Podemos observar que a chegada do autor a Miami poucos meses antes da crise do Mariel vai marcar a sua obra. O ano de 1980 e o ambiente criado tanto em Cuba como em Miami com relação a essa migração vai expor o conflito de idéias. William, a exemplo da geração Mariel¹⁰, fazia parte de uma geração de fracassados que, após vinte anos de repressão, chegaram a Miami com muitos traumas, o que, por sua vez, os impediu de escalar o muro do triunfo.

Eram pessoas que já chegavam minadas e não mais podiam adaptar-se a nenhum lugar. Eram os fracassados, as presas dos triunfantes, as vítimas do sistema do poder e da cultura dominante, seja em Cuba, seja em Miami. Era o combate entre os que detêm ou compartilham o poder e os que insistiam em não se subordinar a ele, ou que já não podiam adaptar-se a ele. *Boarding home* era o limiar onde William procurava equilibrar-se sem sucesso, como mostra sua narrativa:

Tenho estado ingressado em mais de três salas de loucos desde que estou aqui, na cidade de Miami, aonde cheguei faz seis meses fugindo da cultura, da música, da literatura, da televisão, dos eventos esportivos, da historia e da filosofia da ilha de Cuba. Não sou um exilado político. Sou um exilado total. Às vezes penso que si houvesse nascido em Brasil, Espanha, Venezuela, ou Escandinávia, houvesse saído fugindo também de suas ruas, portos e campos (Rosales, 1987:7).

Embora William não tivesse saído pelo porto de Mariel, pertencia ao mundo dos desajustados como Rosales. O autor estabelece a dicotomia entre dois mundos distintos, o dos triunfantes e o dos fracassados, dos ajustados e os desajustados. Por isso, o personagem William se sentia tão distante de todos e com a impressão de não pertencer a qualquer lugar, como um exilado total, característica dos que se encontram à margem de qualquer sociedade.

Rosales procura fazer um retrato fiel do exílio que ele encontrou em Miami. O romance e a sua vida particular convergem. As personagens que William encontra ao longo da sua narrativa parecem ter sido extraídas das memórias e do cotidiano do autor.

O romance traz alguns encontros inusitados de William

com algumas personagens caricatas hospedadas na *Boarding home*, como é o caso de Ilda, uma senhora que havia imigrado em 1960 e que acaba sendo abandonada pela família na velhice:

Olho-a. Veste relativamente bem em comparação como veste a gente do *Boarding home*. Seu corpo, ainda que velho, está limpo e cheira remotamente a água de colônia. Ela é uma das que tem sabido exigir seus direitos, e reclama ao senhor Curbelo todos os meses os trinta e oito pesos que lhe correspondem. Foi uma burguesa, lá em Cuba, nos anos em que eu era um jovem comunista. Agora o comunista e a burguesa estão no mesmo lugar. O mesmo lugar que lhes deu a história; o *Boarding home* (Rosales, 1987: 29).

Embora Ilda houvesse saído de Cuba fazia mais de vinte anos e não fosse oriunda das camadas populares, ela passa a engrossar as estatísticas dos desabrigados na sua velhice. Ela, a burguesa, e o jovem de classe média, William, de 38 anos, passam a compartilhar o mesmo espaço de experiência e a ter o mesmo sonho de espera, ou seja, deixar o *Boarding home*.

Rosales construiu um cenário repleto de excluídos, onde os emigrados do Mariel são apenas uma parcela de milhões de pessoas que, inevitavelmente, passam pelas engrenagens de um sistema de poder que tritura a todos os que não querem ou não podem adaptar-se às suas estruturas. *Boarding home* está repleta de desajustados, homossexuais, velhos abandonados, alcoólatras e doentes mentais. Dentre eles, há vários *marielitos*, mas há também uma minoria que sequer é cubana, como é o caso de Loise, um psicopata norte-americano. Contudo, todos os que lá se encontram têm algo em comum, ou seja, nenhum deles consegue mais se adaptar à sociedade norte-americana.

William recebe apenas uma visita amiúde. Trata-se do poeta e amigo cubano Esteban Luis Cárdenas que havia saído pelo porto de Mariel. William refere-se a ele como “o Negro”,

sem jamais citar o seu nome. Seleccionamos uma passagem em que “o Negro” o visita; embora a citação pareça extensa, trata-se de um diálogo cujo sentido ficaria truncado e poderia perder-se, caso fosse reduzido:

Que há de novo? – perguntou ansiosamente ao Negro. Ele é meu contato com a sociedade. Ele vai as reuniões de cubanos intelectuais, conversa de política, lê os jornais, assiste a televisão, e logo, a cada uma ou duas semanas, vem a me visitar para transmitir-me a essência de suas correrias pelo mundo.

– Tudo igual – diz o Negro – Tudo igual...bom! – diz de pronto. Truman Capote morreu. – Já sabia. – Pois nada mais – diz o Negro – tira um jornal *Mariel*, editado por jovens cubanos no exílio. – Aí tem um poema meu – diz o Negro – na página seis. Busco na página seis. É um poema que se chama Sempre há luz nos olhos do diabo. Lembra-me a Saint John Perse. Falo e lisonjeio-o. – Lembra-me a Lluvias – digo. – A mim também – diz o Negro. – Logo me olha. Estuda minha roupa, meus sapatos, meu cabelo sujo e desalinhado. Movimenta a cabeça desaprovando. – Você, Willy – diz – diz então – deverias cuidar-te mais. – Estou muito destruído, eihem? – Ainda não – diz – mas tenta não cair mais. – Me cuidarei – digo. O Negro me da uma tapinha no joelho. Compreendo que já vai embora. Tira uma carteira de Marlboro a meio consumir e me entrega na mão. Logo tira um dólar e também me da. – É tudo o que tenho – diz. – Sei. Saímos do carro. Um louco vem nos pedir um cigarro. O Negro da o cigarro. – Adeus, doutor Zhivago – me diz sorrindo. Volta as costas e vai embora (Rosales, 1987:31-32).

O diálogo entre “o Negro” e William é muito esclarecedor, porque revela a situação de isolamento em que se encontrava Rosales naqueles momentos. O diálogo faz referência à revista *Mariel* que foi fundada por um grupo de jovens intelectuais cubanos (dentre eles, Reinaldo Arenas, Carlos Victoria, Juan Abreu, René Cifuentes, Reinaldo Garcia Ramos, Roberto Valero, Miguel Correa Mujica, Estebán Luis Cárdenas) que saíram pelo porto de Mariel em Cuba em 1980.

Também Rosales nesse diálogo elogia ao amigo comparando-o ao poeta Saint John Perse. Na pesquisa realizada na revista *Mariel de Literatura y Arte* encontramos que o poema *Lluvias* de Saint John Perse traduzido para o espanhol por Lezama Lima foi publicado nesta revista (Año II, No.6, Verano de 1984:25). Dessa forma, tudo nos leva a acreditar que essa cena aconteceu na realidade. No entanto, nesses primeiros anos de 1983-1985 Guillermo Rosales não ofereceu nenhum tipo de colaboração com a revista. Acreditamos que ele encontrava-se nos boarding-homes como relata no romance e nutria-se desse cotidiano para continuar escrevendo. Ainda assim, Rosales mantinha contato com alguns amigos que lhe levavam cigarros e conversavam com ele, a exemplo de Carlos Victoria, Esteban Luis Cárdenas e Reinaldo Arenas¹¹. Posteriormente, Rosales colaborou com a segunda revista *Mariel Magazine* (1986-) criada por Marcia Morgado e Juan Abreu que publicou a única entrevista com o autor e alguns trechos de sua obra¹².

Apesar de William não pertencer à elite cubana como Ilda, também não era oriundo das camadas marginalizadas¹³. Ambos faziam parte de uma minoria cubana que estava inserida socialmente, antes e após a revolução. O fato de terem caído em desgraça é resultado do desvio ou da recusa de se conformarem a uma conduta moral estabelecida. Desta forma, foram rejeitados. Não se adaptam aos pressupostos estabelecidos, seja em Cuba, seja no exílio. Se Ilda era representante da elite econômica cubana, William, por sua vez, era um autêntico representante das camadas médias urbanas. Já “o Negro” pertencia a uma outra esfera, aquela dos que eram estigmatizados desde sua origem. Seriam estes os autênticos *marielitos*? Guillermo Rosales parece estabelecer uma diferenciação entre ele e os *marielitos*. Um segmento predominantemente constituído por “caipiras”

(*guajiros*), negros, homossexuais (*maricones*), desdentados, ladrões, favelados, entre tantos outros excluídos. Esses não acreditavam haver perdido o paraíso tropical socialista, mas sim fugido da violência social marcada pelo estigma. Desta forma, Guillermo Rosales não se define como um *marielito* e sim como um dos jovens de classe média que sonharam com a revolução e foram destruídos em meio a sua grande marcha.

O romance prossegue com a narração de William a respeito do cotidiano da casa, até que ingressa uma nova personagem, Francis, uma cubana exilada que chega ao *Boarding home* bastante perturbada emocionalmente. A exemplo de William, ela ouve vozes que não consegue distinguir e também é abandonada pela família. William se enamora de Francis e eles iniciam um romance marcado pela luta para reconstruir suas vidas. Ambos estão desamparados e passam a se apoiar um no outro. A solidariedade existente entre eles passa a ser uma nova esperança para enfrentar os pesadelos do passado e superar as adversidades do presente para, deste modo, poderem voltar a sonhar com um futuro.

A relação entre William e Francis significa, no romance, uma interrupção na loucura e na violência humana de uma sociedade que não tolera indivíduos desajustados como eles. O casal passa a falar sobre suas experiências na juventude, sobre a ilha e a Revolução. A seguir transcrevemos uma dessas passagens:

Seguro suas mãos e nos colocamos em pé. Um carro negro, convertível, passa frente a nos. Um adolescente miamense mostra sua cabeça pela janela e nos grita – Escoria!
Mostro-lhe o dedo mais longo de minha mão. Logo seguro apertado a mão de Francis e começamos a caminhar novamente em direção ao *Boarding home*. Tenho fome. Gostaria comer, ao menos, uma empada de carne. Mas não há um centavo (Rosales, 1987:64-65).

Rosales apropria-se nesse fragmento da memória

“comunista” referenciada na participação na Campanha de Alfabetização em Cuba do protagonista e da Francis. O autor de maneira consciente transforma esse fato histórico em “fato literário” (Sevcenko, 2003:243). Nesse fato os protagonistas da trama depositaram no passado sua fé. É dizer, a fé na transformação social da ilha, levar educação a todos os cantos do país. E, Rosales também participou da Campanha de Alfabetização nas montanhas da Serra Maestra (Leyva-Martínez, 2002-2003). William e Francis sabem que seus dramas pessoais são incompreensíveis para a maioria das pessoas que estão à sua volta. A ninguém interessa esta história, a não ser aos que a vivenciaram e aos que compartilharam circunstâncias semelhantes. Ambos acreditaram na Revolução e se decepcionaram; ambos imaginaram que podiam reconstruir suas vidas no exílio e novamente fracassaram. Contudo, havia uma nova esperança de salvação. Começaram a planejar um novo exílio, uma nova fuga. Porém, agora teriam um ao outro e poderiam enfrentar com mais força as vozes que os atormentavam e o pessimismo destrutivo que os paralisava.

William convence Francis a um novo recomeço e propõe que deixem o *Boarding home*. Francis se entusiasma com a possibilidade de morarem juntos e pede para trazer seu filho, que vive com sua mãe em New Jersey, o que William aceita sem resistência e com entusiasmo. O plano de William era simples: esperariam o final do mês, quando recebiam o cheque do seguro social ao qual ambos tinham direito e que era utilizado para pagar suas permanências no *Boarding home*. Deste modo, alugariam uma pequena casa em um bairro pobre chamado *Little Havana*, onde a maioria dos 125 mil *marielitos* morava, e logo procurariam empregos para poder se sustentar. Mas, após alguns minutos de entusiasmo, Francis perde os sentidos e ao despertar está tomada pelo pânico que a atormenta, como vemos a seguir:

– Francis... Francis! – digo, levantando-a do chão.– Que te

passa? Dou-lhe algumas palmadas no rosto. Lentamente volta a si. – É a ilusão, *mi cielo*...a ilusão! – diz. Abraça-me fortemente. Olho-a. Seus lábios, seus pômulos, seu rosto, tudo treme de uma maneira intensa. Começa a chorar. Não resultará – diz. – Não resultará. – Por quê? – Porque estou louca. Preciso tomar todos os dias quatro comprimidos de etrafón forte. – Eu as darei. – Escuto vozes – diz. Parece-me que tudo o mundo fala de mim.– Eu também – digo. Ao caralho as vozes! Seguro-a pela cintura. Lentamente começamos a caminhar no sentido do *Boarding home*. Um carro moderno passa junto a nos. Um sujeito de barbicha rala e óculos escuros mostra a cabeça pela janela e me grita: – Jogá-a fora, cara! Avançamos. Enquanto o fazemos, vou planejando os passos que darei (Rosales, 1987:93).

Francis teme um novo fracasso, mas é convencida por William a seguir lutando e eles passam a planejar a saída do *Boarding home* ao final do mês. Tudo parecia conspirar a favor do casal; William encontra uma casa dentro de suas possibilidades e, no dia em que o cheque do seguro social chega pelo correio, ele se dirige ao senhor Curbelo, um cubano rico responsável pelo estabelecimento. Após certa resistência, Curbelo entrega-lhe seu cheque, mas quando William pede o cheque de Francis, ele se recusa terminantemente a entregá-lo, alegando que ela está doente e que fora confiada por sua mãe aos cuidados dele. Após ter esgotado todos os seus argumentos, William arranca o cheque das mãos de Curbelo e foge com Francis. Como era de se esperar, o casal é facilmente recolhido pela polícia. Francis é reconduzida para o abrigo sob os cuidados de Curbelo, e William, fora de si, é conduzido a um hospital psiquiátrico.

No hospital, William consegue convencer o psiquiatra responsável por ele de que não está louco¹⁴. Embora reconheça que ouve vozes, diz que desde que conheceu Francis já não mais as ouvia. Após uma semana, o Dr.Paredes decide levar William pessoalmente para falar com Curbelo, na tentativa de conseguir a liberação de Francis.

Mas William tem outra decepção. Francis havia sido levada por sua família e ninguém sabe de seu paradeiro. William, já sem resistência, capitula. Vejamos um trecho do desfecho do romance:

– Já sabes tudo? – Já sei – respondo. – Não se moleste mais por mim. Não tem nada que fazer. – Sinto muito – diz Paredes.

– Garoto... – diz então, o senhor Curbelo. Podes ficar aqui se assim o desejas. Toma teus comprimidos. Descansa. Mulheres sobram nesta vida. Desde o restaurante chega a voz da mulata Caridad anunciando a comida. Os loucos saem em tumulto até ali. Curbelo levanta-se e empurra-me suavemente pelos ombros.– Vai – diz. Come. Em nenhum outro lugar deste mundo estarás melhor que aqui. Abaixo a cabeça. Saio, detrás dos loucos, até o restaurante (Rosales, 1987:93).

Neste momento, William já é um homem completamente domado. Na citação acima, quando Curbelo diz a ele que em lugar nenhum estaria melhor do que no *Boarding home*, tem-se o mesmo discurso que William escutara desde Cuba e constantemente ouvia no exílio. Não havia fuga possível, não havia exílio possível. Ele era um exilado total. William termina seu relato como se fosse uma carta de despedida:

Boarding home! Boarding home! Já faz três anos que vivo neste Boarding home. Castaño, o velho centenário que quer morrer constantemente, segue gritando e fedendo a urina. Ilda, a grande dama decadente, continua sonhando que seus filhos de Massachusetts viram um dia a resgatá-la. Eddy, o louco versado em política internacional, segue pendente dos noticiários de televisão e pedindo a gritos uma terceira guerra mundial. Reyes, o velho caolho, continua supurando pus por seu olho de vidro. Arsenio segue mandando. Curbelo continua vivendo sua vida de burguês com o dinheiro que nos toma (Rosales, 1987:93-94).

Assim finaliza o romance de Rosales. No romance, o

protagonista William termina solitário, louco e desamparado, o que demonstra o pessimismo do autor para com o futuro dos exilados de sua geração. Ainda que acreditemos que essas cenas entre William e Francis possam ser um recurso de ficção nelas também foram expressas de forma clara e convincente o que acreditava Rosales sobre sua própria doença¹⁵. O alter-ego do autor acredita que com uma boa dose de esperança e ilusão a doença podia ser superada. Rosales, a nosso ver, tornou-se um exilado de qualquer esperança, um exilado total como ele mesmo chegou a afirmar no seu romance.

Como é notório, as condições históricas influíram para as obras destes escritores, dentre eles, Guillermo Rosales e Reinaldo Arenas não fossem aceitas pelas elites política e social de Cuba e Miami. Assim nos primeiros anos de suas publicações tiveram um reduzido grupo de leitores. Contudo, acreditamos que eles obtiveram uma vitória no campo simbólico expressas nas suas obras servindo para nos inquirir sobre as relações entre história e literatura. Como sujeito do contexto vivenciado e colocando-se do lado dos marginalizados, Guillermo Rosales continuara a seduzir seus leitores.

Assim, a obra *Boarding Home*, ainda com uma forte carga autobiográfica, extrapolou a vida do autor “ganhando espaços, agrupamentos e temporalidades inusitadas e se realizando plenamente enquanto uma cerimônia de catarse coletiva, cumprindo-se como arte enfim” Sevckenko (1999:247).

Como representante dos anos de 1980, Reinaldo Arenas (1984:2): expressa de uma maneira contundente o que significou a produção literária para toda a sua geração: “La literatura no es siquiera un oficio; es un sacrificio y una fatalidad, un placer y una maldición. Toda obra de arte es un desafio, y por lo tanto implícita o explícitamente es una manifestación y un canto de libertad”. Através de sua obra e de sua vida Guillermo Rosales revela seu inconformismo ante o mundo que o rodeia e mostra a completa entrega a seu ofício.

Notas

1 Em 23 de janeiro de 1987 a obra obteve o prêmio Letras de Oro em Miami com o voto de Otavio Paz que participou da seleção das obras premiadas.

2 Leyva Martinez, I (2002-2003), Hernández Busto (s/d), E.; Lopez, A.(s/d)

3 Leyva Martinez (2002-2003) afirma que Rosales viveu a maior parte do exílio entre Boarding home, hospitais psiquiátricos, algum que outro hotelzinho e num pobre apartamento, onde se suicidou em 1993.

4 Guillermo Rosales era um escritor muito inseguro. E segundo familiares e amigos vivia rasgando o que escrevia (Victoria,1997). Por isso, só se salvaram três obras do autor possivelmente porque foram as únicas que ele estava convencido de que valiam a pena. A primeira intitulada *Sábado de Glória, Domingo de Resurrección* foi escrita nos anos de 1960 e em 1968 concorrera ao premio Casa de las Américas, onde ficou sendo finalista e recomendada sua publicação, o que nunca aconteceu. Posteriormente será publicada em Miami em 1994 com o título *El juego de la viola*. A segunda obra, *Boarding home* que foi publicada somente com esse nome na primeira edição (1987) sendo traduzida ao inglês com o título *The Halfway house* e no espanhol com o título *La casa de los naufragos*. Esta obra é a única considerada autobiográfica. E seu último romance, *El alambique mágico*.

5 Segundo Leyva Martinez foi na União Soviética que a Guillermo Rosales lhe diagnosticam a esquizofrenia nos anos de 1966-1968 mas em Cuba os especialistas não reconheceram nele o desenvolvimento da doença. Ainda se conhece pouco sobre essa discussão.

6 Alguns colegas e amigos de Guillermo Rosales afirmam como era complicada a relação com ele, Abreu (1998) chegou a afirmar que Guillermo Rosales era uma pessoa fechada e amargurada.

7 Ver conceito de Sevcenko (1999) o conceito literatura como missão.

8 Ver López, Armando. El testamento de Guillermo Rosales. Disponível em: cubaencuentro.com/es/cultura/noticias/el.testamento.de.guillermo-rosales-180438

9 A tradução livre do romance foi realizada por Isabel Ibarra Cabrera. 10 Ver Marques, R.(2009); Barquet (1998); De la Nuez (1998).

11 Carlos Victoria tem um conto intitulado *La estrella fugaz* onde narra a relação entre ele, Guillermo Rosales e Reinaldo Arenas. Nesse conto descreve algumas visitas que fazia a Guillermo Rosales no *Boarding home* levando sempre cigarros e um pouco de dinheiro.

12 Ver revista *Mariel Magazine*, año I, v.3, 1986.

13 Conferindo algumas informações sobre a vida de Rosales, o pai foi embaixador na Checoslovaquia nos anos de 1960.

14 Essa é outra questão interessante, Rosales brincava com suas crises e até as pessoas mais próximas as vezes acreditavam que ele não estava louco.

15 Victoria (1997) narra a situação tormentosa que Rosales vivia. Ele não podia parar de tomar os remédios porque ouvia vozes mais ao mesmo tempo quando tomava os remédios não podia escrever.

Bibliografia

ABREU, J. Pequeno elogio de la escoria. *Revista Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, No. 08/09, p.135-139, primavera/verano, 1998.

ARENAS, R. Editorial. *Revista Mariel de Literatura y Arte*. New York, Año I, No.1, p.2, primavera de 1983.

BARQUET, J. La generación del Mariel. *Revista Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, No. 08/09, p.110-125, primavera/verano, 1998.

DE LA NUEZ, I. Mariel en el extremo de la cultura. *Revista Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, No. 08/09, p.105-109, primavera/verano, 1998.

HERNÁNDEZ BUSTO, E. Historia y despojo. Disponível em: letraslibres.com/index.php/ Acessado em: 12/03/2009.

LEYVA MARTÍNEZ, Ivette. Guillermo Rosales o la cólera intelectual. *Revista Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, No. 26/27, p.98-108, otoño/invierno, 2002-2003.

----- El azaroso destino del alambique mágico.

Revista Encuentro de la Cultura Cubana, Madrid, No. 47, p.47-48, invierno, 2007-2008.

LOPES, A. El testamento de Guillermo Rosales. Disponível em: www.cubaencuentro.com/es/cultura/noticias/el-testamento-de-guillermo-rosales-180438. Acessado em: 13/04/2009.

MARQUES, R. *A condição mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

PÉREZ, Ileana Piñeda. La pequeña Habana: la narrativa cubana y la construcción de patria en el exilio. In: Bansart, A. et al.(org.) *Memória, nostalgia y exilio*. Caracas, Aveca, 2000.

PERSE, S.J. Lluvias. Traducción Lezama Lima. *Revista Mariel de Literatura y Arte*. New York, Año II, No.6, p.25, verano de 1984.

REIS, C. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*.

Porto Alegre, EdPURS, 2003.

ROSALES, Guillermo. *Boarding Home*. Barcelona, Salvat, 1987.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1999.

VICTORIA, C. “La estrella fugaz”. In *El resbaloso y otros cuentos*. Miami, ediciones Universal, 1997.

